

RESISTÊNCIA E DINÂMICA DE ADAPTAÇÃO QUILOMBOLA: O JARÊ NA CHAPADA DIAMANTINA

Franco Adriano dos Santos

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (2018). Mestre em Gestão, Educação e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (2022). Especialista em Cultura e História Afro-brasileira pela Faculdade Souza (2021). Especialista em Educação Especial (2024). Especialista em Direitos Humanos e Diversidade pela UFMG (2025). Atualmente, professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Atuando principalmente nos seguintes temas: pan-africanismo, ancestralidade, filosofia africana, oralidade negra brasileira e oralidade. Membro dos grupos de pesquisa GEPPESP, GEFOPI e GEGC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2808374936174103> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7386-0373>
E-mail francoafro@gmail.com

Marcelo Duarte Porto

Graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília (1999), Mestre (2002) e Doutor (2008) em Psicologia pela mesma instituição. Pós-Doutor em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2015). Member of American Psychological Association (APA).

Presidente da Academia de Letras de Brasília (2020-2022). Professor Titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Coordenador do Mestrado em Gestão, Educação e Tecnologias da UEG e também docente no Mestrado em Ensino de Ciências. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0952917016124917> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9934-4035>
E-mail: marcelo.porto@ueg.br

Ronaldo Rodrigues da Silva

Doutor (Ph.D) em Educação - EDUCATION - Wisconsin International University United State of America - (EUA.2007 - Diploma Validado pelo MEC - BRASIL). Mestre em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília - DF (2003) Especialista em Administração Escolar pela Universo - Universidade Salgado Filho - Rio de Janeiro - 1997. Especialista em Administração em Produção e Operações. pela Faculdade FATAP - 2023 - Especialista em Fisiologia do Exercício pela FATAP - 2019. Graduado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Nossa Senhora de Lourdes - Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0703387284532701> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1509-1297>
E-mail: ronaldorsilva57@gmail.com

Resumo: O presente texto foi elaborado a partir de uma pesquisa qualitativa, teórica, documental contextualizada à pesquisa bibliográfica sobre religiosidade e cultura negro-brasileira e consiste em uma abordagem acadêmico-reflexiva sobre a singularidade da religião do Jarê, de matriz africana, que encontra sua expressão única no Quilombo de Remanso, na região da Chapada Diamantina, Bahia. Partindo da premissa de que o Jarê, inicialmente concebido como uma prática tipicamente rural, transcende suas fronteiras tradicionais ao envolver-se em circuitos que poderiam ser considerados estranhos à sua essência. O Jarê, variante quilombola do Candomblé de Caboclo é uma expressão religiosa afro-brasileira que mescla elementos das tradições africanas, indígenas e europeias. Apesar de menos conhecido que outras vertentes do Candomblé, como o Ketu e o Angola, o Jarê

desempenha um papel significativo na preservação da identidade cultural e espiritual das comunidades quilombolas e afrodescendentes no Brasil. Esta abordagem se embasa teoricamente, em especial, nas seguintes obras, com seus respectivos autores: Cultura Tradicional Banto, de Raul Ruiz de Asúa Altuna; O Local da Cultura, de Homi Kuane Bhabha; e Tradição Viva, de Hampâté Bâ. Ao mesmo tempo em que constatamos que a tradição religiosa afro-brasileira é parte constituinte da matriz formadora da cultura brasileira; percebemos que, desde os indicadores, temos uma sociedade ainda pouco atraente aos pardos e pretos por não agregar a sua identidade cultural e por não reconhecer às singularidades deste grupo específico. A análise centra-se em expectativas extrínsecas, expandindo seu alcance para plateias mais amplas e contextos diversos.

Palavras-chave: Afrodescendente; Chapada; Jaré; Quilombola.

Abstract: This text was prepared based on qualitative, theoretical, documentary research contextualized with bibliographical research on religiosity and black-Brazilian culture and consists of an academic-reflective approach on the uniqueness of the Jarê religion, of African origin, which finds its unique expression in Quilombo de Remanso, in the region from Chapada Diamantina, Bahia. Starting from the premise that Jarê, initially conceived as a typically rural practice, transcends its traditional borders by involving itself in circuits that could be considered foreign to its essence. Jarê, a quilombola variant of Candomblé de Caboclo, is an Afro-Brazilian religious expression that mixes elements of African, indigenous and European traditions. Although less known than other aspects of Candomblé, such as Ketu and Angola, Jarê plays a significant role in preserving the cultural and spiritual identity of quilombola and Afro-descendant communities in Brazil. This approach is theoretically based, in particular, on the following works, with their respective authors: Bantu Traditional Culture, by Raul Ruiz de Asúa Altuna; The Place of Culture, by Homi Kuane Bhabha; and Living Tradition, by Hampâté Bâ. At the same time that we note that the Afro-Brazilian religious tradition is a constituent part of the formative matrix of Brazilian culture; We realize that, based on the indicators, we have a society that is still unattractive to brown and black people because it does not add to their cultural identity and does not recognize the singularities of this specific group. The analysis focuses on extrinsic expectations, expanding its reach to broader audiences and diverse contexts.

Keywords: Afrodescendant; Chapada; Jare; Quilombola.

INTRODUÇÃO

A religião do Jarê¹, enraizada no Quilombo de Remanso², na Chapada Diamantina, Bahia, objeto de estudo neste artigo, explora sua notável adaptação a contextos contemporâneos aparentemente distantes de suas origens rurais. Considerando a complexidade de sua formação, o Jarê emerge como um fenômeno negociado, interagindo com diversas forças em sua concepção, que combinam movimentos de agitação e placidez. Este estudo analisa a maneira como o Jarê, desde sua origem, estabeleceu diálogos com outras influências, evidenciando sua natureza dinâmica e adaptável. A religião do Jarê, profundamente inserida nas paisagens da Chapada Diamantina, surge como um objeto de estudo fascinante neste artigo.

A investigação se propõe a explorar a excepcional capacidade adaptativa do Jarê a contextos contemporâneos, que inicialmente parecem distantes de suas origens rurais. Ao delinear a complexidade inerente à sua formação, o Jarê revela-se como um fenômeno dinâmico e flexível, moldado por negociações contínuas com diversas forças que se entrelaçam em um intrincado equilíbrio entre movimentos de agitação e placidez. O núcleo desta pesquisa reside na análise da maneira como o Jarê, desde seu surgimento, estabeleceu diálogos substanciais com uma diversidade de influências, demonstrando, assim, sua natureza adaptativa e resiliente diante das nuances temporais e das metamorfoses sociais.

O Jarê, ao se desenrolar ao longo das eras, revela-se como um testemunho vivo das negociações espirituais³ que permeiam sua essência. Sua

¹ Embora o termo “Jarê” tenha raízes africanas, sua prática e significado podem ter sido influenciados pela cultura afro-brasileira ao longo do tempo. Essas celebrações são importantes não apenas como expressões de devoção religiosa, mas também como momentos de preservação cultural e social dentro das comunidades religiosas afro-brasileiras. (N.A)

² O Quilombo de Remanso, localizado na Chapada Diamantina, na Bahia, é uma comunidade quilombola que se destaca pela preservação de suas tradições e pela resistência cultural. Fundada por descendentes de africanos escravizados, a comunidade é um exemplo de como a cultura afro-brasileira se mantém viva e adaptável ao longo do tempo. O Quilombo de Remanso é conhecido por sua forte ligação com a terra, sendo a agricultura familiar uma das principais atividades econômicas. Os moradores cultivam alimentos tradicionais como milho, feijão e mandioca, e a terra é central para sua identidade e sobrevivência. Além disso, a comunidade celebra suas raízes africanas por meio de festas, danças e música, mantendo vivas as tradições herdadas de seus antepassados.

³ O termo “negociações espirituais” utilizado pode ser interpretado de várias maneiras, dependendo do contexto. Em algumas práticas espirituais, as pessoas podem se envolver em negociações ou comunicações com entidades espirituais, como deuses, espíritos ancestrais,

formação complexa não é apenas um reflexo de suas raízes rurais, mas também uma manifestação de um fenômeno religioso constantemente em diálogo com diversas forças. As negociações, que ora refletem movimentos de agitação, ora de placidez, desvendam a riqueza e a diversidade de influências que moldaram o Jarê desde sua concepção. A evolução do Jarê ao longo do tempo é uma narrativa viva das negociações espirituais que permeiam sua essência. Sua formação complexa transcende não apenas suas raízes rurais, mas também representa um fenômeno religioso que constantemente se engaja em diálogo com diversas forças.

As negociações, refletidas ora em movimentos de agitação, ora em momentos de placidez, revelam a diversidade e riqueza de influências que contribuíram para a moldagem do Jarê desde sua concepção. É, pois nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido com ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é.

A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra [...]. Nas tradições africanas, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência (Hampatê Bâ, 1982, p. 182).

O diálogo intrínseco do Jarê com outras influências, desde suas origens, transcende fronteiras culturais e espirituais. A religião, longe de ser uma entidade isolada, incorpora elementos de diferentes tradições, evidenciando sua natureza sincretista⁴. Essa capacidade de integrar elementos diversos não apenas solidifica sua posição como uma prática espiritual adaptável, mas

guias espirituais ou outras formas de energia espiritual. Isso pode envolver pedidos, oferendas, rituais ou outras formas de interação com o mundo espiritual para obter orientação, proteção, cura ou assistência em questões pessoais ou espirituais. Independentemente do contexto, as "negociações espirituais" geralmente envolvem uma busca por compreensão, conexão ou alinhamento com o transcendente, o sagrado ou o divino, seja através de práticas religiosas tradicionais, experiências espirituais pessoais ou reflexão interna (N.A.).

⁴ O sincretismo frequentemente ocorre em sociedades onde diferentes grupos étnicos, religiosos ou culturais interagem e se influenciam mutuamente ao longo do tempo. Essa interação pode resultar na formação de novas crenças, práticas e tradições que combinam elementos das culturas envolvidas. Um exemplo clássico de sincretismo religioso é o sincretismo afro-brasileiro, que se desenvolveu no Brasil durante o período colonial, quando os africanos escravizados foram trazidos para o país e tiveram que adaptar suas crenças religiosas às novas condições. Isso levou à formação de religiões como o Candomblé e a Umbanda, que combinam elementos das tradições religiosas africanas com o catolicismo. N.A.

também ressalta sua habilidade de manter uma identidade distintiva no processo. Essa capacidade de assimilação e integração não apenas consolida sua posição como uma prática espiritual adaptável, mas também destaca sua habilidade de manter uma identidade distintiva ao longo desse processo.

A dinâmica adaptativa do Jarê não se limita apenas ao âmbito conceitual; ela se manifesta de maneira tangível na participação ativa de seus seguidores em contextos contemporâneos aparentemente estranhos à sua tradição. O Jarê, longe de ser uma prática isolada em áreas rurais, estende-se para plateias mais amplas, desafiando e enriquecendo as experiências espirituais além dos limites percebidos inicialmente.

HISTORIOGRAFIA

A Chapada Diamantina, uma região serrana de clima semiárido localizada no centro do estado da Bahia, deve seu nome à característica formação geológica que se configura como um extenso planalto, apresentando altitudes médias variando entre 800 e mil metros, com picos que ultrapassam os 2 mil metros. Integrante da Cadeia do Espinhaço, a Chapada Diamantina também atua como divisor de águas, delineando a separação entre a bacia do São Francisco e os rios que fluem diretamente para o Atlântico. Seu território abrange as bacias dos rios Paraguaçu e Jacuípe, constituindo uma unidade geomórfica com aproximadamente 38 mil quilômetros quadrados, o que representa cerca de 7% da área total do estado da Bahia.

Ao se referir à Chapada Diamantina, tanto os habitantes locais quanto os visitantes frequentemente aludem, de maneira mais específica, à sua porção centro-leste, correspondente à denominada Serra do Sincorá⁵. Essa área abriga as Lavras Diamantinas, que conferem nome à totalidade da formação. Destaca-se que na Serra do Sincorá ocorre um notável encontro de transição ecológica entre três distintos tipos de vegetação: florestas de planície a leste, caatinga a oeste e vegetação de altitude nas serras.

O Quilombo de Remanso, localizado na Chapada Diamantina, Bahia, representa um significativo objeto de estudo para a historiografia brasileira,

⁵ A Serra do Sincorá é uma cadeia montanhosa localizada no estado da Bahia, Brasil. Ela faz parte da Chapada Diamantina, uma região conhecida por sua beleza natural, paisagens deslumbrantes, cachoeiras, grutas e trilhas para caminhadas, sendo uma das áreas mais famosas da Chapada Diamantina e oferece várias atrações para os visitantes que buscam aventura e contato com a natureza (N.A).

em especial no que tange à análise das dinâmicas de resistência cultural e territorial das comunidades quilombolas. Sua fundação está intimamente ligada ao processo histórico de formação dos quilombos no Brasil, que surgiram como respostas de resistência à escravização e à opressão colonial.

A Chapada Diamantina não se define por uma cultura de base genética, mas por um processo de "reciclagem interna", caracterizado pela formação de quadros culturais amalgamados e exclusivos. Esse processo foi favorecido ao longo do tempo pelas "afluências sociais e influências culturais", conforme denominados por Senna e Aguiar (1980, p. 80). Tais influências são particularmente evidentes na formação histórica da cultura econômica do garimpo de diamantes, que atraiu diversas migrações internas. Essas migrações, motivadas principalmente pela busca de oportunidades no garimpo, contribuíram para a configuração cultural singular da região.

Os que vieram do Recôncavo Baiano traziam o candomblé de orixás (Jeje, Keto, Nagô, Banto, Angola), já os caboclos indígenas incorporados à sua cosmogonia e ao seu ritual. Os que chegaram de Minas, além dos orixás, traziam elementos de umbanda. Os que vieram do São Francisco chegaram com atitudes, pensamentos e valores do catolicismo rural (Senna; Aguiar, 1980, p. 80).

Historicamente, o Quilombo de Remanso se configura como um espaço de sobrevivência e preservação das culturas afro-brasileiras, uma vez que seus habitantes são descendentes diretos de africanos escravizados que, ao fugirem dos engenhos e fazendas, encontraram refúgio nas áreas de difícil acesso da Chapada Diamantina. Esse isolamento geográfico permitiu a criação e a manutenção de uma identidade cultural própria, onde práticas religiosas, sociais e econômicas são preservadas e transmitidas de geração em geração.

A região das Lavras Diamantinas, delimitada aproximadamente por um quadrângulo cujos vértices são demarcados pelas cidades de Lençóis, Andaraí, Palmeiras e Mucugê, caracteriza-se como uma área marcante. Essa delimitação coincide, em grande parte, com os limites do Parque Nacional da Chapada Diamantina, representando este último menos de 4% da área total das serras que compõem a Chapada.

OS QUILOMBOS BAIANOS E SUA RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA: RESISTÊNCIA, PRESERVAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

Historicamente, os quilombos baianos são marcos históricos que testemunham a perseverança e a resistência dos afrodescendentes contra a opressão e a escravidão que marcaram a história do Brasil. Nestes locais, não apenas se travou uma batalha física contra a tirania dos senhores de escravos,

mas também se preservou e fortaleceu uma rica tradição espiritual que deu sustento e identidade às comunidades quilombolas. Surgidos como refúgios para os escravizados fugitivos, representam um símbolo de resistência política e social. Estes espaços, muitas vezes localizados em áreas remotas e de difícil acesso, tornaram-se refúgios seguros onde os afrodescendentes podiam viver livres da exploração e da violência dos senhores de escravos. Nas matas e nas serras da Bahia, comunidades inteiras se organizaram em torno da ideia de liberdade, resistindo bravamente à tentativa de subjugação e reafirmando sua humanidade e dignidade. Segundo Senna (1998), a formação das comunidades quilombolas em Remanso é resultante “de frentes pioneiras de expansões agropastoris, oriundas do desdobramento de fazendas, passagens de gado e aguadas” (p. 27).

Além de serem palcos de resistência política, os quilombos baianos foram também o berço de uma rica tradição religiosa afro-brasileira. Nestes locais remotos, longe do olhar opressor dos colonizadores, a religiosidade afrodescendente encontrou espaço para florescer e se fortalecer. O Candomblé, a Umbanda, o Tambor de Mina⁶ e outras manifestações religiosas afro-brasileiras ganharam vida nas danças, nos cânticos e nos rituais das comunidades quilombolas, tornando-se um elo vital entre o passado africano e o presente brasileiro. Nos quilombos, a religião não era apenas uma questão de devoção pessoal; era também uma fonte de fortalecimento coletivo e organização. Os rituais e práticas religiosas serviam como espaços de encontro onde os quilombolas podiam compartilhar experiências, fortalecer laços de solidariedade e desenvolver estratégias de resistência contra os senhores de escravos e as forças coloniais. Estes momentos de comunhão espiritual proporcionavam não apenas consolo e esperança, mas também um senso de unidade e propósito na luta pela liberdade e pela justiça.

⁶ O Tambor de Mina é uma religião afro-brasileira originária do estado do Maranhão, especialmente da região de São Luís. É uma tradição religiosa que combina elementos das culturas africanas, indígenas e europeias, resultando em uma forma única de espiritualidade. Os rituais do Tambor de Mina muitas vezes envolvem o uso de tambores e danças, daí o nome da religião. Os praticantes acreditam na existência de divindades conhecidas como "encantados" ou "orixás", que representam forças da natureza, antepassados venerados e espíritos protetores. Além disso, há também a presença de entidades espirituais conhecidas como "pomba giras" e "caveiras", que desempenham papéis importantes nos rituais de cura e proteção. O Tambor de Mina é uma expressão da resistência cultural desses povos, preservando tradições espirituais e culturais que foram mantidas vivas ao longo dos séculos. (N.A.).

Os ritos têm papel pedagógico como modelo de mudança e deslocamento cumprindo a função terapêutica de restaurar o indivíduo e sua comunidade através de instrumentos nos quais a cultura fomenta o conteúdo social que interagem (Martins, 2000, p. 72).

Além de serem espaços de resistência, os rituais religiosos nos quilombos desempenharam um papel crucial na preservação da cultura africana e na transmissão de conhecimentos ancestrais de geração em geração. Os cânticos, danças, rituais e celebrações religiosas serviram como formas de manter viva a memória dos antepassados e fortalecer a identidade cultural dos quilombolas. Por meio dessas práticas, os quilombolas honravam seus antepassados, celebravam suas tradições e reafirmavam sua conexão com suas raízes africanas.

A religiosidade afro-brasileira desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural e espiritual das comunidades quilombolas. Por meio dos rituais, dos cantos e das tradições religiosas, os quilombolas mantiveram viva a memória dos antepassados e transmitiram de geração em geração os conhecimentos ancestrais que os ajudaram a enfrentar os desafios da vida na diáspora. A religião serve neste contexto como um farol de esperança, uma fonte de força e uma expressão de resistência contra a opressão e a injustiça.

O JARÊ

O culto denominado “Jarê” é amplamente reconhecido pelas comunidades locais como uma prática distintiva da Chapada Diamantina, cuja criação e desenvolvimento encontram-se intrinsecamente vinculados à história dessa região. Sua origem é atribuída às cidades de Lençóis⁷ e Andaraí⁸, sendo que posteriormente disseminou-se para as áreas rurais

⁷ Lençóis é uma cidade localizada na região da Chapada Diamantina, no estado da Bahia, Brasil conhecida por suas paisagens deslumbrantes, rica biodiversidade, cachoeiras, grutas e trilhas para caminhadas, atraindo turistas de todo o mundo em busca de experiências de ecoturismo e aventura. Lençóis é frequentemente utilizada como base para explorar as maravilhas naturais da Chapada Diamantina, oferecendo uma variedade de serviços turísticos, como hospedagem, restaurantes, agências de turismo e guias locais. (N.A.).

⁸ Andaraí é um município localizado na Chapada Diamantina, no estado da Bahia, Brasil. Assim como outras cidades da região, Andaraí é conhecida por suas belezas naturais, incluindo cachoeiras, rios, grutas e paisagens. A cidade é ponto de partida para diversas trilhas e passeios pela Chapada Diamantina, atraindo turistas interessados em ecoturismo, aventura e contemplação da natureza. Além disso, Andaraí possui uma rica história ligada à exploração diamantífera na região, com vestígios dessa atividade ainda presentes em seu patrimônio cultural e arquitetônico (N.A.).

desses municípios e de localidades circunvizinhas, adquirindo características particulares em cada localidade.

O "Jarê" é uma expressão religiosa e cultural profundamente enraizada na região nordeste do Brasil, com uma presença marcante nos estados da Bahia e de Pernambuco. Sua origem remonta às profundezas da história do país, refletindo a complexa interação entre as tradições religiosas africanas dos terreiros trazidas pelos escravizados, as práticas espirituais dos povos indígenas nativos e as influências culturais dos colonizadores europeus. Essa fusão de elementos distintos criou uma expressão religiosa única e multifacetada, que se destaca como um testemunho da riqueza e diversidade étnica do Brasil.

O terreiro se afirma como um território étnico-cultural, capaz de acolher de uma forma mais geral o cruzamento dos espaços e dos tempos compreendidos na especialização do grupo negro. Ali se conservam os preciosos conteúdos patrimoniais (o *axé* ou a energia vital, os princípios cósmicos, a ética dos ancestrais), como também os ensinamentos do *xirê*, os ritmos e as formas drásticos, que se desdobram ludicamente na sociedade global (Sodré, 1988, p. 90).

No âmago do Jarê estão os cultos aos Orixás, deidades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana, e a veneração aos ancestrais, que são considerados guias espirituais e protetores das comunidades. Essas práticas religiosas são acompanhadas por uma rica variedade de rituais, cerimônias e celebrações que incluem cânticos, danças, oferendas e festividades festivas. Através desses rituais, os praticantes do Jarê buscam estabelecer uma conexão profunda com o sagrado, honrando suas divindades e antepassados, e buscando orientação espiritual e proteção.

O Jarê não se limita apenas ao aspecto religioso; ele se estende à vida cotidiana das comunidades onde está enraizado, influenciando a cultura, a música, a dança, a culinária e outras expressões artísticas. Os festivais e celebrações do Jarê são momentos de intensa alegria e devoção, onde os participantes se unem para celebrar suas crenças e fortalecer os laços comunitários. Além de seu papel como uma expressão de espiritualidade e cultura, o Jarê também desempenha um papel importante na resistência cultural e na luta contra o racismo e a discriminação⁹. Ao reafirmar a

⁹ A resistência cultural capacita as comunidades marginalizadas, permitindo-lhes afirmar suas identidades e narrativas próprias. Ao valorizar e celebrar suas tradições, culturas e línguas, as comunidades encontram força e orgulho em sua própria diversidade, desafiando os estereótipos racistas que as marginalizam. Promove a conscientização e a educação sobre o racismo e a discriminação, ampliando a compreensão das raízes históricas e das

importância e a validade das tradições religiosas afro-brasileiras, o Jarê desafia os estereótipos e preconceitos que muitas vezes permeiam as narrativas dominantes, promovendo uma maior valorização da diversidade cultural e étnica do país.

É o laço vital que une os vivos com os antepassados. A palavra que estes pronunciaram faz-se vida na comunidade sensibilizada e conserva todo o seu vigor, através do tempo, conto, mito, gesto, provérbio palavra ritual e norma (Altuna, 2014, p.39).

Entretanto, é notório que praticamente toda a população nativa, assim como indivíduos provenientes de outras localidades que estabeleceram residência na região ao longo dos últimos anos, já teve experiências diretas com o Jarê. Este contato é frequentemente estabelecido por meio da participação em diversas cerimônias, especialmente durante a infância. Ocionalmente, indivíduos recordam-se não apenas das letras de cantigas associadas ao Jarê, mas também de eventos significativos ocorridos durante as práticas cultuais. Observa-se, contudo, uma percepção compartilhada de que, nos dias atuais, a ocorrência de Jarê nos limites da cidade tornou-se menos frequente.

As cerimônias de Jarê são conduzidas tanto em casas de culto dedicadas exclusivamente a esse propósito, conforme observado nos locais mais afastados da sede do município, quanto em residências habituais localizadas na área urbana. Vale ressaltar, que nem toda residência onde se realiza o Jarê configura-se como um terreiro, termo usualmente reservado para locais nos quais há a presença de líderes responsáveis pela realização de rituais de iniciação. Em ambos os cenários, a preparação para as festividades ocorre ao longo de semanas anteriores, durante as quais se angaria recursos financeiros, seja por meio de arrecadação ou doações, destinados à aquisição de alimentos e objetos rituais essenciais. Além disso, é comum realizar convites às pessoas que participarão da cerimônia. Para Altuna (2014, p. 99), existe uma dependência da estabilidade do equilíbrio equitativo da coletividade explicitada, que é influenciada pela sua constituição, pelas modulações sociais e pela complexidade dessas interações. Isso impulsiona o desenvolvimento identitário dentro de uma rica tradição, que, apesar de sua multiplicidade e facetas ambíguas e complicadas, desdobra-se significativamente.

consequências sociais desses fenômenos. Ao oferecer perspectivas e insights únicos, a arte e a cultura desempenham um papel importante na promoção do diálogo e da reflexão crítica sobre questões raciais (N.A).

As instituições destinadas à realização de Jarê que subsistem na contemporaneidade a exemplo da região do Quilombo de Remanso em Lençóis estão, predominantemente, situadas a alguns quilômetros da sede do município. Notavelmente, essas instituições tendem a localizar-se em proximidade a áreas que, em épocas pretéritas, abrigavam pequenos aglomerados habitacionais voltados para atividades de garimpo. No entanto, é pertinente observar que, ao longo dos últimos anos, houve uma considerável redução no número de residências na cidade que conduzem cerimônias de Jarê.

O isolamento a que ficaram sujeitos os negros escravizados em Lençóis e outras cidades e povoados da Região forçou uma identificação cada vez maior entre os "terreiros" originários de várias "nações", motivando, assim, o surgimento de novas formas nos cultos rituais. Mesmo assim, ainda hoje notamos não ser o Jarê um culto cujo forte seja a homogeneidade (Senna, 1980, p. 27).

O Quilombo de Remanso, situado no estado da Bahia, Brasil, é objeto de interesse acadêmico devido à sua rica história de resistência e preservação da cultura afrodescendente. Esta comunidade quilombola, localizada às margens do Rio São Francisco, representa um enclave de identidade étnica e cultural, que remonta aos tempos da escravidão e se mantém como um símbolo de resistência até os dias atuais, com sua formação intrinsecamente ligada ao contexto histórico da escravidão no Brasil. Durante o período colonial, muitos africanos fugiram das fazendas de cana-de-açúcar e estabeleceram comunidades autossustentáveis em áreas remotas para escapar da opressão. O Quilombo de Remanso emergiu como um desses refúgios, onde os quilombolas puderam preservar suas tradições culturais, religiosas e de subsistência.

É preciso esclarecer que as sociedades africanas consideradas tradicionais são aquelas que souberam conservar princípios e valores que eram cultivados anteriormente à invasão do continente africano pelos europeus. Já as comunidades tradicionais afro-brasileiras são aquelas que, pelo suporte da oralidade, preservaram em sua memória coletiva os valores tradicionais africanos, recriados e reatualizados em terras brasileiras (Rocha, 2011, p. 2).

A vida cotidiana no Quilombo de Remanso é permeada por expressões culturais e religiosas que refletem a herança africana dos moradores. Práticas como o Jarê, variante do Candomblé de Caboclo¹⁰, a Umbanda e outras manifestações religiosas afro-brasileiras são comuns, servindo como veículos para a transmissão de conhecimento e valores culturais de geração em geração. Além disso, as manifestações culturais, como o samba de roda e o maracatu, desempenham um papel importante na coesão comunitária e na preservação das tradições quilombolas. Apesar de sua importância histórica e cultural, a comunidade enfrenta uma série de desafios, incluindo o acesso limitado a serviços básicos, a pressão do desenvolvimento urbano e a falta de reconhecimento oficial de seus direitos territoriais. No entanto, as autoridades locais e organizações da sociedade civil têm trabalhado para garantir o reconhecimento e a proteção dos direitos desta comunidade histórica, visando promover sua autonomia e preservar sua identidade cultural única. Bhabha (1998, p. 63) afirma que “[...] é um processo de significação através do qual as afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade”. Portanto neste aspecto, a consciência da culturalidade emerge como um referencial catalisador.

O Jarê, ao longo de sua história, demonstra uma capacidade única de se adaptar às mudanças sociais e culturais, reflexo de sua herança africana agregadora. Em seu surgimento, percebe-se que a religião já carregava consigo as marcas de negociações com diversas forças em ação na época. Essas negociações permitiram sua integração tanto em movimentos de agitação quanto em momentos de placidez, estabelecendo uma base flexível para sua evolução (Siqueira, 1998, p. 34).

Partimos do pressuposto de que existe uma continuidade cultural e religiosa africana, dinamicamente reelaborada na Bahia, com a qual a grande maioria dos descendentes das civilizações africanas se identificam. Nestes processos de continuidades, descontinuidades, recriações e identificações realiza-se uma busca e reencontro de um sentimento de pertencer a um processo que cria uma nova referência sociocultural, capaz de assegurar um novo tipo de enfrentamento, ante as determinações da Sociedade Nacional em sua dinâmica contemporânea.

¹⁰ O Candomblé de caboclo é uma vertente religiosa afro-brasileira que tem como característica principal o culto aos caboclos, entidades espirituais que são frequentemente associadas à cultura indígena e à natureza. Essa forma de Candomblé combina elementos das tradições religiosas africanas com influências indígenas e europeias, resultando em uma prática religiosa sincretizada e diversificada (N.A.).

Ao considerar a complexidade de sua formação, o Jarê se revela como um fenômeno intrinsecamente negociado, interagindo com diversas forças em sua concepção, mesclando movimentos de agitação e placidez. A análise busca compreender como o Jarê, desde sua origem, estabeleceu diálogos significativos com diversas influências, evidenciando sua natureza dinâmica e adaptável diante das transformações sociais e culturais. O Jarê, ao se desdobrar ao longo do tempo, demonstra ser mais do que uma expressão espiritual estática. Sua formação complexa revela um fenômeno religioso que não apenas resiste às mudanças, mas também as incorpora em sua própria essência. A negociação constante com diversas forças durante sua concepção destaca-se como um elemento fundamental na compreensão dessa adaptação singular.

Ao explorar a história do Jarê, observa-se que sua emergência está intrinsecamente ligada a um diálogo ativo com diversas influências. Desde os primórdios, o Jarê não se limitou a uma única fonte cultural ou espiritual, mas, ao contrário, abraçou elementos de diferentes origens, evidenciando sua natureza sincretista. Essa capacidade de estabelecer conexões significativas com diversas correntes culturais e espirituais permite ao Jarê transcender fronteiras e dialogar com as transformações contemporâneas. A dinâmica adaptativa do Jarê também se manifesta na participação ativa de seus seguidores em contextos que inicialmente podem parecer distantes de sua tradição. O Jarê, longe de ser uma prática restrita ao âmbito rural, expande sua presença para plateias mais amplas, desafiando preconceitos e estabelecendo-se como um fenômeno vivo e pulsante.

Atualmente, a participação ativa dos seguidores do Jarê em contextos aparentemente estranhos à sua tradição inicial destaca-se como um fenômeno intrigante. Observa-se que os adeptos não apenas se adaptam a novos ambientes, mas também desempenham papéis de protagonismo nos processos contemporâneos. A capacidade de buscar ou rejeitar ativamente as posições impostas a eles, demonstra uma agência significativa por parte da comunidade do Jarê.

O PAPEL DO JARÊ NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E NA RESISTÊNCIA AFRODESCENDENTE E QUILOMBOLA

O Jarê, como uma vertente da religião afro-brasileira, emerge como um componente vital na salvaguarda da identidade cultural e espiritual das comunidades afrodescendentes e quilombolas. Através de suas práticas rituais e tradições profundamente enraizadas, esta expressão religiosa não

apenas fortalece os laços comunitários, mas também desempenha um papel fundamental na promoção da autoestima e no resgate das histórias e ancestralidades dos povos africanos e indígenas que compõem a tapeçaria cultural do Brasil. Brandão (2006) afirma que:

[...] O modo africano de ser/viver/conhecer/saber perpassa toda a cultura nacional, só que isso é camuflado e muitos de nós não sabemos [...]. Hoje podemos dizer que essa influência está na ciência (que até pouco tempo era considerada um legado exclusivo dos portugueses), nos modos de curar doenças, na engenharia, nos modos de construir, na arquitetura, na estética, na culinária e – por que não? – na religiosidade, nas manifestações culturais e artísticas, na nossa brasiliade (p. 61).

As práticas rituais do Jarê servem como um importante veículo para a transmissão de conhecimento e valores culturais de geração em geração. Os rituais, que envolvem cantos, danças, oferendas e cerimônias de iniciação, proporcionam um espaço sagrado¹¹ onde a memória coletiva é honrada e celebrada. Estas práticas não só reforçam a conexão espiritual com as divindades e antepassados, mas também promovem uma profunda sensação de pertencimento e comunidade entre os praticantes.

Em comunidades afrodescendentes e quilombolas, onde a herança cultural muitas vezes é alvo de apagamento e marginalização, o Jarê como expressão de culto aqui desempenha um papel ainda mais crucial. Ao fornecer um espaço seguro e acolhedor para a expressão da espiritualidade e da cultura, esta prática fortalece a resiliência das comunidades e oferece uma fonte de empoderamento e resistência contra as forças que buscam minar sua identidade e dignidade.

Neste aspecto, o Jarê serve como um poderoso instrumento de resistência cultural contra as formas contemporâneas de racismo, discriminação e marginalização social. Ao reafirmar a importância e a validade das tradições religiosas afro-brasileiras na sociedade brasileira, esta prática desafia os estereótipos e preconceitos que frequentemente permeiam as narrativas dominantes. Além de sua função como resistência cultural, o Jarê desempenha um papel crucial no fortalecimento das comunidades afrodescendentes e quilombolas, promovendo a inclusão social e a coesão comunitária.

¹¹ Espaço Sagrado aqui se apresenta como a um local físico ou simbólico que é considerado sagrado, ou seja, especial, sagrado ou dedicado a práticas religiosas, espirituais ou rituais. Esse espaço pode ser um templo, uma igreja, uma mesquita, uma sinagoga, um santuário, um altar ou qualquer outro local onde as pessoas se reúnem para cultuar, meditar, rezar ou praticar rituais religiosos (N.A).

Por meio de suas práticas rituais e tradições, o Jarê cria espaços de pertencimento e solidariedade, onde os membros das comunidades podem se reunir, compartilhar experiências e fortalecer laços interpessoais. Esses espaços não apenas oferecem suporte espiritual, mas também são fundamentais para o desenvolvimento de redes de apoio social e para o enfrentamento dos desafios enfrentados por essas comunidades. Em suma, o Jarê não é apenas uma religião, mas sim um bastião de cultura, resistência e autoafirmação para as comunidades afrodescendentes e quilombolas do Brasil. Ao reconhecer e valorizar o papel fundamental desta expressão religiosa na vida dessas comunidades, podemos avançar em direção a uma sociedade mais inclusiva, justa e equitativa, onde todas as formas de expressão cultural são respeitadas e celebradas.

METODOLOGIA

Como metodologia, optou-se a utilização da pesquisa qualitativa, teórica, documental contextualizado à pesquisa bibliográfica, visto se relacionar ao levantamento de informações sobre as motivações do grupo, na compreensão e interpretação de determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população enquanto sociedade.

O levantamento bibliográfico e documental foi realizado no período de novembro de 2023 a janeiro de 2024. Este intervalo foi cuidadosamente selecionado para garantir a coleta de uma ampla gama de fontes relevantes e atualizadas. A abrangência temporal permitiu uma análise aprofundada e uma compreensão detalhada dos temas investigados. A pesquisa focou na aquisição de dados e na avaliação crítica das informações, assegurando uma base sólida para a fundamentação teórica e contextual do estudo.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Severino (2007, p. 28), "[...] pode ser mesmo conceituada como o processo mediante o qual o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza". Para Bardin (2004, p. 36), precisão e a clareza na definição dos critérios de análise proporcionam ao analista uma sensação de segurança, na decodificação¹² dos elementos da construção dos saberes e fazeres

¹² A decodificação dos elementos sincretizados envolve a análise e interpretação dos componentes que foram combinados ou fundidos em uma nova forma cultural, religiosa ou artística. Esse processo pode ser complexo, pois os elementos podem ser retirados de tradições diversas e ter significados diferentes em seus contextos originais. Neste aspecto, é importante reconhecer que as interpretações podem variar dependendo do contexto cultural, da perspectiva do observador e das intenções dos praticantes. Portanto, é essencial adotar

intuídos. Quando há ambiguidade na interpretação dos elementos codificados, é essencial estabelecer unidades de contexto mais abrangentes que, embora não tenham sido contabilizadas no levantamento das frequências, possibilitam compreender o significado dos itens identificados, reintegrando-os em seu contexto.

Reis (2010, p. 62) afirma que a pesquisa documental “[...] é o tipo de pesquisa que objetiva investigar e explicar um problema a partir de fatos históricos relatados em documentos”. Contextualmente, fundamenta-se em dados e informações derivadas de fontes documentais sem análise científica, mas com arcabouço de informações e dados tradicionais. Portanto, por meio desta metodologia de pesquisa temos a convicção de compreensão do cotidiano, das tradições e da cultura de uma comunidade quilombola e seu profundo conhecimento das histórias de vida, experiências e vivências cotidianas desse povo expressos por meio de sua religiosidade identitária, o Jarê.

DISCUSSÃO

O Jarê, como religião de matriz africana, traz à baila a apresentação da religiosidade como a um fenômeno em constante negociação com seu entorno. Sua capacidade de adaptar-se a diferentes contextos e de manter seu protagonismo na contemporaneidade evidencia a resiliência e vitalidade dessa prática religiosa. A análise aqui apresentada contribui para uma compreensão mais aprofundada do Jarê, destacando sua capacidade de transcender fronteiras geográficas e culturais, enquanto mantém suas raízes na rica tapeçaria espiritual da Chapada Diamantina, Bahia. O Quilombo de Remanso representa um exemplar significativo de resistência e perseverança dentro do contexto das comunidades quilombolas brasileiros. A luta contínua por direitos, a preservação cultural e a conexão intrínseca com a terra são aspectos que se entrelaçam de maneira complexa, configurando a base da identidade quilombola dessa comunidade e o legado cultural transmitido por seus ancestrais. Sendo assim, o Jarê na Chapada Diamantina, Bahia, revela-se como um campo fértil para a compreensão das negociações espirituais em face das mudanças sociais e culturais. Sua notável capacidade de adaptação, oriunda de sua complexa formação e constante diálogo com diversas influências, destaca o Jarê como um fenômeno religioso dinâmico e adaptável.

uma abordagem holística e multidisciplinar que leve em consideração uma variedade de perspectivas e fontes de informação (N.A).

CONSIDERAÇÕES

Contextualmente, este estudo contribui para uma compreensão profunda das raízes e do desenvolvimento contínuo do Jarê, reforçando sua posição como uma expressão espiritual resiliente e vibrante na diversificada tapeçaria religiosa brasileira quilombola. O Quilombo de Remanso, localizado na histórica Chapada Diamantina, exemplifica a resistência e a perseverança cultural por meio da luta contínua por direitos, preservação cultural e conexão com a terra. A região moldou a identidade da comunidade, que se destaca pela preservação de práticas culturais e religiosas, como o culto ao Jarê. Este culto, central na vida espiritual do quilombo, reforça a conexão com o território e contribui para a coesão social e cultural. A agricultura familiar, sustentada por técnicas tradicionais, complementa essa relação com a terra, demonstrando como a resistência cultural e territorial, em sintonia com a importância histórica da Chapada Diamantina, sustenta e fortalece a identidade e o legado do Quilombo de Remanso. O Jarê, entrelaçado nas montanhas da Chapada Diamantina, revela-se como um fenômeno religioso em constante evolução. Sua notável capacidade de adaptação, resultante das negociações constantes com diversas forças em sua concepção, destaca o Jarê como um testemunho vibrante das dinâmicas espirituais que transcendem o tempo e o espaço. Ele não apenas lança luz sobre as raízes do Jarê, mas também reforça sua posição como uma expressão espiritual resiliente, capaz de dialogar de maneira significativa com as complexidades da vida contemporânea. O Jarê, como objeto de estudo, nos convida a explorar não apenas suas tradições, mas também as fronteiras fluidas entre o passado e o presente, entre o rural e o contemporâneo, oferecendo uma rica tapeçaria de experiências espirituais que ecoam através das montanhas e além.

REFERÊNCIAS

ALTUNA, RAUL RUIZ DE ASÚA. **CULTURA TRADICIONAL BANTO**. CUCUJÃES, PORTUGAL: ÂNCORA, 2014.

BÂ, HAMPÂTÉ. **HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA • I METODOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA DA ÁFRICA**/ EDITADO POR JOSEPH KI-ZERBO – BRASÍLIA: UNESCO, 2010.

BÂ, HAMPÂTÉ. **AMKOULLEL, O MENINO FULA**. SÃO PAULO: PALAS ATHELA E CASA DAS ÁFRICAS, 2003. EDITADO POR JOSEPH KI-ZERBO – BRASÍLIA: UNESCO, 2010

BHABHA, H. K. **O LOCAL DA CULTURA**. BELO HORIZONTE: UFMG, 2005.

BARDIN, LAURENCE. **ANÁLISE DE CONTEÚDO.** LISBOA: EDIÇÕES 70, 2004.

BRANDÃO, ANA PAULA. **SABERES E FAZERES: A COR DA CULTURA.** VOL. 01. RIO DE JANEIRO: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2006.

REVISTA MONUMENTA, R484. **CHAPADA DIAMANTINA.** RIBEIRA DOS ICÓS – ICÓ - CE. BRASÍLIA, DF: IPHAN / PROGRAMA MONUMENTA, 2008.

HERNANDEZ, LEILA LEITE. **ÁFRICA NA SALA DE AULA: VISITA À HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA.** SÃO PAULO: SELO NEGRO, 2005.

MARTINS, LEDA MARIA. **AFROGRAFIAS DA MEMÓRIA: O REINADO DO ROSÁRIO NO JATOBÁ.** SÃO PAULO: PERSPECTIVA; BELO HORIZONTE: MAZZA EDIÇÕES, 1997

REIS, LINDA G. **PRODUÇÃO DE MONOGRAFIA: DA TEORIA À PRÁTICA.** DISTRITO FEDERAL: SENAC, 2010.

SENNNA, RONALDO. AGUIAR, ITAMAR. **JARÊ: INSTALAÇÃO AFRICANA NA CHAPADA DIAMANTINA.** IN: REVISTA AFRO-ÁSIA: CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS, UFBA, 13. ED. 1980.

SENNNA, RONALDO. **JARÊ: UMA FACE DO CANDOMBLÉ: MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA NA CHAPADA DIAMANTINA.** BAHIA: ED. UEFS, 1998.

SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO.** 24. ED. SÃO PAULO: CORTEZ, 2007.

SIQUEIRA, MARIA DE LOURDES. **AGÔ AGÔ LONAN.** BELO HORIZONTE: MAZZA PRODUÇÕES. 1998

SODRÉ, MUNIZ. **O TERREIRO E A CIDADE: A FORMA SOCIAL DO NEGRO:** VOZES, 1983.